

O clamor e a consolação



Caríssimos!

Também este ano, tão especial e dramático para o mundo, para a Igreja e para as nossas comunidades, chega o tempo do Advento e do Natal que renova em nós o desejo que o Senhor Jesus seja para todos o Emanuel, o Deus conosco, que funda a nossa esperança e traz a consolação de sua presença. Por isso, parece-me útil meditar convosco, a presença de Cristo que consola cada coração.

"Não chores"

«Dirigiu-se Jesus a uma cidade chamada Naim. Iam com ele diversos discípulos e muito povo. Ao chegar perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto a ser sepultado, filho único de uma viúva; acompanhava-a muita gente da cidade. Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: "Não chores!".» (Lc 7,11-13)

Toca-me sempre a maneira como Jesus exprime sua compaixão por esta mulher. Toca-me que diga imediatamente "Não chore!", sem preâmbulos, sem rodeios em volta do sofrimento desta mulher, da tragédia que lhe atingiu. Não dialoga com ela, não lhe pergunta nada. Vê apenas a realidade de uma mulher solitária levando ao túmulo um jovem. Talvez ninguém tenha informado Jesus sobre a situação familiar desta mulher. Jesus vê que ela caminha só, sem marido ou outros filhos ao seu lado, para consolá-la. Ela está sozinha com sua imensa dor. Jesus vê esta realidade. Não precisa ver mais nada, mesmo sabendo ler os corações, sondar o passado e o futuro de cada pessoa que encontra. É suficiente esta dor, no presente, para abraçar esta pessoa com sua grande compaixão. A compaixão é verdadeira se adere a uma dor hoje, a um coração que chora agora, que talvez se desespera agora. Jesus não tem compaixão por uma história dolorosa, mas por um coração que sofre agora, mesmo se naquele coração esteja inscrito toda uma história de dor, de solidão, de esperanças frustradas, como a última esperança que esta mulher poderia colocar no seu único filho, após a morte do marido. Para Jesus, basta a realidade de um coração que sofre diante Dele, neste instante. É assim que Cristo tem, eternamente, compaixão pelo mundo inteiro, porque a todo instante vê o sofrimento presente de cada coração. A compaixão é a adesão do coração à paixão do coração do outro.

Mas a compaixão não basta. O coração que sofre precisa de **consolação**. Na compaixão, um sofre com o outro, mas isto poderia reduzir-se a um sentimento que, no fim, deixa o outro sozinho com a sua dor. A consolação é uma relação; é, etimologicamente, um “estar com quem está só”, é uma companhia. “Estou contigo que sofre”: é isto que exprime a consolação.

Jesus, antes do milagre, expressa seu consolo à viúva de Naim com uma palavra aparentemente brusca e fria, que parece quase uma ordem, um encurtar a dor da mulher: "Não chores!". Certamente disse com suavidade, talvez com lágrimas nos olhos, como quando chorou sobre Jerusalém (Lc 19,41) ou diante do túmulo de Lázaro (Jo 11,35). Mas esta palavra tão direta, expressa com autoridade (de fato, Lucas aqui não põe "Jesus", mas "o Senhor"), nos lembra algo essencial: só Jesus Cristo pode dizer uma palavra assim, só Cristo pode expressar assim a compaixão e a consolação.

Duas horas de pranto

Há cerca de um mês, estava voltando da Alemanha de trem. Uma longa viagem de 12 horas. Entre Frankfurt e Friburgo em Brisgóvia, quando sentei em meu lugar, ouvi que atrás de mim alguém choramingava de forma estranha. Depois, de repente, percebi que era um jovem que chorava, e as vezes muito alto, tanto que no vagão todos estavam desconcertados. Ao lado dele, ouvi que uma jovem, que sentou por acaso ao seu lado, tentava consolá-lo com muita delicadeza, perguntando-lhe o motivo de sua dor. Entendi que aquele jovem estava indo com urgência para sua casa onde seu irmão havia morrido, ou pelo menos estava em condição desesperadora. Não pude ficar ao lado dele para consolá-lo diretamente, até porque a jovem o fazia muito bem. Gostaria de ter feito e quase me sentia no dever de fazê-lo, mas além de um contato rápido em que apertamos as mãos e nos olhamos nos olhos pela brecha entre as duas poltronas, a situação não me permitiu. Então compreendi que devia fazer outra coisa: a oração, uma oração insistente e impotente, que só podia contar com a ternura do Pai, com a compaixão do Filho e com a consolação do Paráclito.

Por duas horas, o pranto deste homem e minha pobre oração viajaram juntos, em um vínculo muito mais íntimo do que se pudesse abraçá-lo, confortá-lo com gestos e palavras. Não podia fazer nada, não podia me ocupar de mais nada além disto. Era como se a sua dor fosse colocada em minhas mãos e eu a colocasse diante do Senhor.

Naquelas duas horas entendi o que é a oração, e em particular a vocação monástica, como ainda não tinha entendido em 61 anos de vida e 36 anos de mosteiro. Nos foi dado e pedido para consolar o mundo com a consolação que só Deus pode nos dar, que só Deus pode nos oferecer. Naquele trem, eu estava em um lugar onde qualquer tentativa de consolo que viesse de mim era mortificada, se tornava impotente. Mas ao mesmo tempo era como se eu fosse o responsável, por transmitir àquele coração sofrido, a consolação de Cristo. Claro, Jesus nos pede para expressar sua consolação ao mundo também com gestos e palavras. Mas nos lembra que somente Ele conhece e pode consolar o coração do homem, Ele que formou o coração humano e conhece toda alegria e toda a dor. Mesmo quando somos solicitados e podemos nos expressar em gestos e palavras, a nossa consolação tem sentido e efeito, somente se transmitir a compaixão de Cristo.

São Paulo exprime bem ao escrever aos Coríntios: “Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai misericordioso e Deus de toda a consolação, que nos conforta em todas as nossas tribulações para que também nós possamos consolar os que estão em qualquer tipo de aflição, com a consolação com a qual somos consolados por Deus” (2Cor 1,3-4).

A consolação da humanidade – e de quanta consolação o mundo precisa neste ano de pandemia e tantas outras provações! – realiza-se por *transmissão*, a transmissão de uma experiência de consolação que nos foi dada e que devemos primeiro fazer, para poder dar a todos.

Não me lembro qual Padre escreveu que as orações dos monges, especialmente nas vigílias noturnas, é como o levantar da cama de uma mãe que ouve seu bebê chorar de noite, e vai consolá-lo. É talvez isto que somos chamados a recuperar, para uma renovação profunda da nossa vocação cristã e monástica. Diante das lágrimas do mundo, Jesus nos chama a sermos ministros humildes e certos do "Não chores!" que só Ele pode dizer a quem sofrem, a quem está só, a quem perdeu tudo, até a esperança.

Então, diante de cada dor, somos chamados a oferecer uma companhia real, uma amizade real, mas que tenha o sopro da fé que sabe que só Jesus pode alcançar corações partidos e consolá-los. Este sopro é a oração, o explícito mendigar da consolação de Cristo, mendigar o Espírito Paráclito, que na sequência de Pentecostes invocamos como "Pai dos pobres" e "ótimo Consolador".

Naquele dia no trem, pensei em uma frase de Isaac, o Sírio, que me acompanha há anos: "No esforço da oração e na atenção do coração, une-te aos corações aflitos, e se abrirá diante do teu pedido uma fonte de compaixão" (*Discursos ascéticos*, 30).

A verdadeira renovação

A partir desta experiência no trem entre Frankfurt e Friburgo na Brisgóvia, me vi rezando de um modo novo. Todas as orações litúrgicas, todos os Salmos, começaram a ter uma ressonância diferente e um horizonte diferente. A oração cristã sempre nos faz clamar a Deus para obter o que somente Ele pode e deseja nos dar. O homem, independente do que peça, no fundo está pedindo a consolação de Deus. Pede que Deus lhe esteja perto, que não o abandone, que esteja junto dele no caminho da vida, na provação, em todo "vale escuro", em toda "sombra de morte" que deve atravessar e no qual se sente só (cf. Sl 22,4).

Esta consciência, que é um modo de estar diante de Deus, é o segredo de toda renovação. Quem enfrenta com fé a presente prova da humanidade, percebe que não faz sentido esperar algo novo que não esteja ligado à consolação que Deus oferece ao mundo em Cristo morto e ressuscitado, em Cristo presente entre nós e que caminha conosco. A Igreja, apesar de todas as suas pobreza humanas, é o sacramento desta consolação e é fiel à sua missão na medida em que reza e trabalha para transmitir à humanidade a consolação de Deus em Cristo. Somente assim o mundo pode se renovar, a começar por nós mesmos, por nossas comunidades.

Nunca tinha prestado atenção ao fato que no Apocalipse, Jesus diz "eis que eu renovo todas as coisas" (Ap 21,5) imediatamente após a descrição da nova Jerusalém, na qual as lágrimas são enxugadas e toda dor consolada pela presença e companhia de Deus:

“Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens!

Habitará com eles

e serão o seu povo,

e Deus mesmo estará com eles.

Enxugará toda lágrima de seus olhos

e já não haverá morte,

nem luto, nem grito, nem dor,

porque passou a primeira condição.

Então, o que está assentado no trono disse:

Eis que eu renovo todas as coisas” (Ap 21,3-5a)

É na consolação que Cristo renova todas as coisas. Fará totalmente no final dos tempos, mas esta renovação escatológica começa aqui e agora, todas as vezes que as lágrimas da dor humana são enxugadas. Toda oração que implora a consolação do Senhor e cada gesto e palavra que a transmitem, em todas as situações onde a dor humana emerge diante de nós, antecipam e apressam a renovação total do mundo em Cristo.

Identificados a Jesus Cristo

São Gregório Nazianzeno, comentando o versículo do Salmo 8: "O que é o homem para que vos lembre dele?" (8,5), se pergunta: "Que novo e grande mistério envolve a minha existência? Por que sou pequeno e ao mesmo tempo grande, humilde mas excelso, mortal e imortal, terreno mas ao mesmo tempo celestial?" E encontra a resposta na Encarnação redentora do Filho de Deus: "Deus assumiu plenamente a nossa humanidade e foi pobre para ressuscitar a carne, salvar a sua imagem primitiva e assim restaurar o homem para que nos tornemos um com Cristo. Ele se comunicou inteiramente a nós. Tudo aquilo que Ele é, tornou-se completamente nosso. Em todos os aspectos nós somos Ele." (*Discursos* 7,23)

Esta deve ser a grande surpresa diante de nós e de cada homem: o fato que a encarnação, a morte e a ressurreição de Cristo nos permitem dizer: "Em todos os aspectos nós somos Ele". Em todos os aspectos de nossa humanidade, mesmo o menor e mais frágil, somos Ele e Ele nós. Não podemos entender, é um mistério, mas nos foi concedido viver, fazer experiência, e esta experiência é uma nova vida, uma moral nova, uma nova forma de estar na relação com Deus e com todos. A nova humanidade de Cristo, aquela humanidade fascinante que o Evangelho e a vida dos Santos nos ilustram, é possível para nós, porque Ele nos identificou a Si mesmo, é como se faltasse só a nossa vontade de aderir a Ele, como verdade total e realizada da nossa pessoa. Deus nos dá a vida, para acolher em nós, a identificação com Cristo que realiza a nossa humanidade. É um caminho, porque a nossa liberdade não anda com trancos, mas com passos. Mas é importante saber que o caminho é este, e que o destino, a meta, já foi cumprida, como diz São Gregório Nazianzeno, em Deus que "assumiu plenamente a nossa humanidade".

Mas, se somos atraídos pelo nosso destino de identificação com Cristo, é importante que, com a ajuda da Igreja, vejamos como Cristo quis estar presente entre nós. A Igreja nos apresenta Cristo, nos coloca na presença do Senhor, em todos os aspectos da sua vida e da nossa, para que sejamos atraídos e ajudados a aderir à identificação com Ele. Basta pensar como o Papa Francisco nos pede um caminho de conversão à fraternidade universal, nos colocando, na Encíclica *Fratelli tutti* (*Todos Irmãos*), diante da imagem de Cristo, Bom Samaritano. É um ícone da verdadeira humanidade, da humanidade plena, identificada em todos os aspectos com Cristo que veio para consolar todos os homens.

Por isso, mesmo quando pecamos gravemente neste ponto, quando com o pecado nos dissociamos da beleza do modelo que Jesus é para nós, – e fazemos mil vezes por dia! – a verdadeira correção da Igreja não consiste em nos afundar na lama do nosso mal, na feiura da nossa falha com Cristo, mas em colocar diante de nossos olhos e coração a suprema beleza do Senhor, que é a sua misericórdia, a sua ternura paterna, totalmente transparente à bondade do Pai.

“Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo. Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas.” (Mt 11,25-29).

Jesus nos atrai a uma humanidade plena, que é uma mansidão e humildade de coração, que manifesta o Pai e transmite todo o bem que o Pai dá ao mundo, ou seja, o próprio Filho e o Espírito Paráclito.

A oração e a comunhão fraterna não são, então, só boas práticas farisaicas para termos a consciência tranquila, mas a adesão à nova humanidade que nos foi dada em nos identificarmos com Cristo, Filho de Deus. A relação com Deus e a relação com o próximo, são as dimensões essenciais e substanciais nas quais somos chamados a experimentar que "em todos os aspectos nós somos Ele".

O clamor do pedido

Com a morte de Lázaro e diante da dor de suas irmãs, a consolação de Cristo se expressou em duas dimensões, de uma profunda oração ao Pai e de uma verdadeira companhia aos amigos que sofriam. Para transmitir a consolação de Cristo, a Igreja nos educa a viver uma oração autêntica e uma verdadeira companhia, encarnada, como aquela de Jesus. A consolação se transmite como fazia Jesus durante a sua missão terrena: com uma presença real com as pessoas, porém com uma presença habitada por uma súplica total ao Pai. Nele, estas duas presenças, ao Pai e aos outros, nunca eram dissociadas, pois constituíam a unidade relacional de sua pessoa.

Jesus não dissociava a comunhão com Deus da comunhão com o próximo. Eram Nele expressão de um único Coração, único amor. A Igreja também é chamada a não dissociar o compromisso da oração do compromisso da proximidade fraterna, e a nos

educar a viver esta unidade, que nos permite aderir a Cristo, de nos tornarmos como Ele, de nos identificarmos com Ele.

Recentemente percebi o quanto superficial e distraidamente recito a oração do *Pai Nosso*. Rezamos muitas vezes ao dia, porque é a oração que Jesus nos ensinou, o concentrado de toda a oração cristã, toda a oração bíblica.

Mas entendi que também a distração no rezar o *Pai Nosso* não consiste tanto em não pensar no que digo, mas em não *pedir* aquilo que digo. A distração, a superficialidade na oração, não são uma questão de conceitos e palavras nas quais se pensa, e nem mesmo falta de fervor, mas está onde as palavras da oração não são um clamor, não suplicam, não mendigam. Então comecei a rezar o *Pai Nosso* acentuando os verbos que esta oração nos faz pedir:

“Pai Nosso que estais nos Céus, **santificado seja** o vosso Nome, **venha** a nós o vosso Reino, **seja feita** a vossa vontade assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje, **perdoai**-nos as nossas ofensas assim como nós **perdoamos** a quem nos tem ofendido, e não nos **deixeis cair** em tentação, mas **livrai**-nos do mal”

Imediatamente, foi como se o *Pai Nosso* voltasse a ser oração, a minha oração e a oração de toda a humanidade que necessita de Deus, do Pai. O que faz realmente nosso o que dizemos é, essencialmente, o pedido, o clamor que pede, mendiga. Pois é como unir a palavra que dizemos ao abismo da nossa verdadeira necessidade, que pode ser uma ferida, uma dor, uma falha, mas também o bem que queremos para quem amamos. Este abismo, é o do nosso coração, que na oração se exprime e se expande. Quanto mais a oração exprime uma necessidade grave e grande, capaz de se expandir a toda humanidade, menos superficial e distraída ela é. A necessidade que nos faz clamar nunca é superficial. O nosso coração e o coração do mundo nunca são superficiais. Superficial é não rezar a partir deste abismo. A oração torna-se profunda se o clamor que exprime ressoa do fundo de uma necessidade, que nos faz sentir abandonados se um Outro não responde. Por isso, a oração profunda, verdadeira, humana é sempre expressão de uma necessidade de consolo, daquela consolação que só um "Deus conosco" pode dar.

Os Salmos também, como se tornam profundos quando enfatizamos o pedido! Os Salmos são escola de oração porque nos ensinam a pedir realmente, a clamar realmente a Deus: "Do fundo do abismo clamo a vós, Senhor!" (Sal 129,1). Jesus também, quando cita um Salmo no Evangelho, o faz clamando: "Por volta das três horas da tarde, Jesus gritou em alta voz: [...] Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 27,46). Grita um abandono, grita para pedir a presença do Pai, a consolação do Pai à sua solidão abissal do "homem das dores", carregado do pecado de toda a humanidade.

A liberdade de pedir

Os Salmos, como toda a oração da Igreja, nos educam a compreender que o clamor aciona a nossa liberdade. O homem pode ter perdido todas as suas liberdades, mas nunca perde a de clamar e, quando se levanta o clamor, a liberdade ressurgue, ainda que impotente.

Não temos a liberdade como o poder de ter e fazer tudo, mas sempre temos a liberdade de pedir tudo, a liberdade que reconhece que Deus pode tudo, que podemos obter tudo do Pai, até a graça após o pecado, até a comunhão depois da divisão, até a vida depois da morte.

São Bento tinha muita consciência da ligação entre oração e liberdade. Quando fala do oratório do mosteiro, dá a cada monge, mesmo que tenha feito o voto de obediência total e de não fazer absolutamente nada sem a permissão do abade, a liberdade de poder entrar na igreja, sempre que quiser, para rezar: "*simpliciter intret et oret* – que simplesmente entre e reze" (RB 52,4). A ninguém pode ser negada a liberdade fundamental de pedir absolutamente tudo a Deus, porque é uma liberdade que Deus dá criando a liberdade do homem à imagem da Sua liberdade, em diálogo com a Sua liberdade. Diante da oração de um simples pedido, existe o espaço infinito da liberdade de Deus que cria o homem na presença do seu amor infinito, da sua paternidade amorosa. O jardim onde Deus coloca Adão e Eva, é um espaço mais espiritual do que material, no qual o ser humano está na presença de um Deus paterno e familiar, aberto à relação com a sua criatura e ao diálogo com ela.

Deste estar *simpliciter* diante de Deus, o homem se retirou com o pecado, mas Deus não lhe retirou, e em Cristo restaurou totalmente a possibilidade incondicional de "entrar" livremente neste espaço. São Bento tem consciência que este espaço é antes de tudo interior, mesmo se o lugar do oratório nos ensina a descobri-lo em nós e entre nós. De fato, depois de ter pedido ao irmão que deseja rezar que «simplesmente entre e reze», acrescenta: "não com a voz elevada, mas com lágrimas e o desejo do coração – *in lacrimis et intentione cordis*" (52,4). Não é necessário enfatizar artificialmente a natureza profunda da nossa liberdade, que já é clamor desde o profundo do nosso coração, desde o desejo que o nosso coração é, especialmente quando sente a própria miséria, a profunda tristeza de ser só e abandonado, porque abandonou Deus. As lágrimas do coração são simples e profundas como as de Adão; melhor ainda: como as lágrimas de uma criança que sente falta da mãe.

O Salmo 101 diz que Deus sai do Céu "para ouvir o gemido do prisioneiro, para libertar o condenado à morte" (Sl 101,21). O ouvir de Deus à nossa oração, que talvez seja apenas um gemido, um suspiro, é um lugar de libertação, uma possibilidade de ser livres ainda que prisioneiros de qualquer limitação da nossa liberdade. Se fôssemos realmente cientes de que a oração é um lugar de liberdade verdadeira, onde a nossa liberdade é acionada ou talvez renasça, não "terminaríamos" nossas orações tão rapidamente, como para nos livrar de um dever incômodo. Gostaríamos, ao invés, de rezar sempre, pois o homem por natureza foi feito para estar sempre livre. Adão não entendeu que Deus lhe deu a liberdade de *pedir* tudo, não de *pegar* tudo. Porque no pegar a liberdade se reduz ao possesso, se fecha naquilo que possui, enquanto que no pedir a liberdade se dilata e permanece aberta em acolher o dom, isto é, na gratidão, porque Deus nunca coloca limites aos dons de Sua gratuidade.

O corpo do Espírito

Se existe esta alma, se permitirmos a Cristo libertar o nosso clamor ao Pai, então a carne também ressuscita, o corpo também retoma vida.

«"Tiraram, pois, a pedra. Levantando Jesus os olhos ao alto, disse: "Pai, rendo-te graças, porque me ouviste [o que implica que Jesus sempre pede!]. Eu bem sei que sempre me ouviste, mas falo assim por causa do povo que está em roda, para que creiam que tu me enviaste". Depois dessas palavras, exclamou em alta voz: "Lázaro, vem para fora!". E o morto saiu, tendo os pés e as mãos ligados com faixas, e o rosto coberto por um sudário. Ordenou então Jesus: "Desatai-o e deixai-o ir".» (Jo 11, 40-44)

O fruto do pedido que pede ao Pai o Espírito, é a vida do corpo, a carne que retoma vida, a carne libertada da morte, mesmo permanecendo presa pela condição terrena, "as faixas", que outros devem nos ajudar a desatar.

A vida da Igreja, e a nossa vida na Igreja, é o evento sempre renovado do Espírito de Deus que vem para dar vida à carne humana, à carne da nossa humanidade, ferida e morta pelo pecado e pelas suas consequências em nós e no mundo inteiro. Cristo se encarnou para nos mostrar como a carne humana pode se tornar, por assim dizer, corpo do Espírito Santo. O que é Pentecostes senão a animação de um corpo eclesial no qual o Espírito de Deus realiza a presença de Cristo no mundo? E é a nossa carne que o Espírito toma e anima para torná-la Corpo encarnado de Cristo. Como aconteceu em Maria: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Portanto, aquele que nascer será santo e será chamado Filho de Deus." (Lc 1,35).

É um mistério que não podemos entender, mas que somos chamados a viver, a deixar acontecer em nós e entre nós, como na Virgem. O mistério cristão é entendido somente fazendo experiência, porque não é uma ideia, mas um acontecimento. Diante da crise humana geral, ou melhor: *dentro* dela, como diante daquele jovem no trem, a urgência, junto com o clamor da nossa liberdade impotente ao Pai onipotente, é que aconteça uma presença renovada de Deus na carne do mundo, que o Espírito Santo volte a animar o Corpo de Cristo para dizer a Lázaro que saia da morte e para *tocar* no caixão do filho da viúva de Naim, e ressuscitá-lo (cf. Lc 7,14).

Esta é a graça e a urgência da e na Igreja, de Pentecostes em diante: tornar-se Corpo animado pelo Espírito Santo, como Jesus em Maria. Trata-se de dar corpo ao Paráclito, isto é, ao Consolador. Por isso, perante as lágrimas da humanidade, a postura mais verdadeira é a oração no Cenáculo, mas também o sair na praça para anunciar o Ressuscitado, trazendo no mundo, com a voz e as obras, o sopro do Espírito que torna presente o Deus conosco.

Encarnar o encontro com Cristo

O que encarna o Espírito em nossa humanidade, feita de pessoas, de vida cotidiana e social? O que encarna o Paráclito em nosso corpo, em nossa voz, nosso olhar? Encarna o encontro com Cristo, a presença de Jesus que vai ao encontro de cada homem, que entra em relação com a humanidade, respondendo a todo desejo de cada coração.

Jesus fez milagres de todos os tipos, mas todo tipo de cura ou libertação do demônio satisfazia o coração das pessoas, não tanto ou apenas com a recuperação da saúde ou bem-estar, ou mesmo com a vida ressuscitada, mas somente no encontro com o próprio Cristo, com a luz de sua Face. Os nove leprosos que não voltaram até Jesus ficaram satisfeitos com a cura da lepra. Só um compreendeu que o seu coração não procurava só esta cura, mas a Face daquele Homem que tinha encontrado (cf. Lc 17, 11-19).

Quando o Paráclito dá vida à Igreja, o faz transformando o grupo de pessoas presentes no Cenáculo em corpo que permite a todos encontrarem Cristo. O Espírito transfigura as nossas faces em Face de Cristo, para que também através da nossa carne miserável, Jesus possa responder ao desejo de sentido e beleza que arde no coração de cada ser humano, em cada situação pessoal, social e cultural em que se encontra; que arde também sob as cinzas do mundanismo, que hoje tanto nos distrai de nosso verdadeiro desejo.

O Advento e o Natal ajudam-nos a recordar que a Anunciação nunca deve ser dissociada da Visitação, porque Deus se encarna em nós para se tornar a essência e a alegria de cada encontro humano. «Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre."» (Lc 1,41-42).

O Espírito foi dado para realizar entre nós a comunhão que Ele é na Trindade. O Corpo da Igreja é formado pelo Paráclito para que cada homem encontre e faça os outros homens encontrarem Jesus Cristo, e Nele o Pai. A fraternidade, a qual Papa Francisco nos chama intensamente com o caminho de consciência e conversão que ilustra na encíclica *Fratelli tutti*, é o realizar-se em nós e entre nós, e com todos, este mistério. Se a nossa vida cristã e a vida das nossas comunidades não servem a isto, não formam a isto, quer dizer que não são animadas pelo Espírito de Cristo, mas pelo espírito do mundo, que é orgulhoso e fechado em si, mesmo quando pensa ser generoso e útil a todos.

Sem um encontro com Jesus não há consolação, porque sem Ele o coração permanece só, privo de sentido e amor. Por isso é importante que neste tempo da história, tão confuso e cheio de ansiedades, vivamos o Advento e o Natal ouvindo, também para o bem de toda a humanidade, o convite que o próprio Jesus nos dirige para acolhermos com a certeza da fé, a sua vinda: "Reanimai-vos e levantai as vossas cabeças, porque se aproxima a vossa libertação!" (Lc 21,28)

Que a alegria natalícia de poder sempre encontrar Jesus, ilumine o nosso olhar sobre todos e sobre tudo, e nos torne cada vez mais unidos em volta Dele! Feliz e Santo Natal a todos!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori, abade geral OCist